



## ENTREVISTA COM ANA ESTER

em diálogo com Nancy Cardoso  
entre abril e maio de 2023  
por remotas proximidades.

Ana Ester<sup>1</sup> é teóloga, mestra e doutora em Ciências da Religião. Co-chair da Junta Diretiva da Global Interfaith Network for People of All Sexes, Sexual Orientations, Gender Identities and Expressions (GIN-SSOGIE). Sócia da Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (ABETH) e da American Academy of Religion (AAR). Pesquisadora independente da Teologia Indecente de Marcella Althaus-Reid e autora de diversos artigos, Ana lançou em 2023 o livro “Dezmandamentos: Teologia lesbico-queer-feminista”<sup>2</sup>. *Com os pés no caminho, o sagrado no peito, e o desejo na carne*<sup>3</sup> a conversa com Ana Ester apresenta “novos lugares de escutação”: belos, necessários e indecentemente justos.

1. *“Pertencer a um lugar é fazer parte dele, é ser a extensão da paisagem, do rio, da montanha. É ter seus elementos de cultura, história e tradição nesse lugar. Ou seja, em vez de você imprimir um sentido ao lugar, o lugar imprime um sentido à sua existência”*<sup>4</sup>. – **A teologia é um lugar? Um território? É um lugar seu?**

Tradicionalmente, costumamos falar em um *lócus* teológico, do latim “local” ou “posição”. Para mim, isso diz mais sobre o lugar o qual a teóloga ocupa quando fazedora de teologia do que sobre teologia enquanto um lugar ou território. O território é o lugar do fazimento. É a ação que cria e organiza o território, por isso, teologia só é lugar quando é compreendida como ação e não como substantivo. Teologia é um território quando é teologizar. Nesse sentido,

<sup>1</sup> Contato: @anaesterbh

<sup>2</sup> ESTER, ANA. **Dezmandamentos**: Teologia lesbico-queer-feminista. Rio de Janeiro: Metanoia, 2023.

<sup>3</sup> ESTER, ANA. Dezmandamentos: LGBTI+ e Bíblia. **Revista Senso**, 2021. Disponível em: [https://www.academia.edu/45189348/Dezmandamentos\\_LGBTI\\_e\\_B%C3%ADblia](https://www.academia.edu/45189348/Dezmandamentos_LGBTI_e_B%C3%ADblia). Acesso em: 28 maio 23.

<sup>4</sup> KRENAK, Ailton. “Siempre estuvimos en guerra”. Entrevista concedida a Ana Paula Orlandi. **Humboldt** – Revista de cultura digital del Goethe-Institut en Sudamérica, mar. 2020. [n.p.]. Disponível em: <https://www.goethe.de/prj/hum/es/dos/zug/21806968.html>. Acesso em: 11 abr. 2023.



a teologia poderia ser compreendida como um território a ser ocupado. A teologia não é um território meu. Eu a ocupo transitoriamente.

A teóloga indecente Marcella Althaus-Reid, ao falar sobre Teologia Queer, afirmou que “Teologias queer são teologias táticas [...]. Teologias Queer saem em diáspora ao usarem táticas de ocupação temporária: práticas disruptivas que não necessariamente devem ser repetidas, e reflexões que almejam ser desconcertantes”<sup>5</sup>. A ocupação é a estratégia pela luta por direitos, justiça e equidade. Como teóloga queer, faço parte de um movimento diaspórico de pessoas em aliança que buscam questionar a construção cisheteronormativa da teologia tradicional e hegemônica.

Nessas ocupações, ainda acompanhando Althaus-Reid,

[...] propomos um fim à adoração das roupas ou, como no romance de Klossowski, das localizações de poder. A fim de que isso seja feito, a estratégia deve ser relativamente simples: despir o pai de poder e glória e deixar Deus no frio enquanto a comunidade queer ocupa a Trindade. A troca de vestes de poder e o habitat de afeições podem ser surpreendentemente transformativos. Dizer que não se deve adorar o vestuário masculino de Deus nos leva a trocá-lo por meias arrastão e saltos altos. Isso é a um convite para uma desestabilização radical das performances de gênero e sexuais de Deus como comunidade o que, por sua vez, desencadeia uma série de implicações para a nossa compreensão da singularidade de Deus e da presença de Deus em nossa história sexual e política.<sup>6</sup>

Althaus-Reid propõe a “ocupação” da Trindade, a ocupação da teologia sistemática, porque a presença de pessoas dissidentes sexuais e de gênero nos espaços de construção teológica desafiam a própria teologia tirando suas “vestes de poder”. Ocupar a teologia e retirar suas roupas é uma das estratégias que a autora chamou de “teologia indecente”, que, segundo ela, é uma “teologia sem roupa de baixo”. A teologia indecente é:

1º) una teología hecha sin una supuesta neutralidad teológica sexual porque dicha neutralidad no existe ni nunca existió ni en la iglesia ni en la teología. Una teología que abiertamente declare sus intereses sexuales, y denuncie la formación ideológica sexual en el cristianismo y en las reflexiones teológicas. 2º) una teología que cuestione el rol de la teóloga y su integridad teológica con relación a su contexto de sexualidad. Básicamente, una teología que amplíe y radicalice el campo de la sospecha en el círculo hermenéutico de la teología de la liberación.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> ALTHAUS-REID, Marcella. **Deus queer**. Rio de Janeiro: Metanoia; Novos Diálogos, 2019. p. 25.

<sup>6</sup> ALTHAUS-REID, 2019, p. 111.

<sup>7</sup> ALTHAUS-REID, Marcella. Marx en un bar gay. La Teología Indecente como una Reflexión sobre la Teología de la Liberación y la Sexualidad. **Numen**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1 e 2, p. 55-69, 2008. p. 58. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/numen/article/view/21772>. Acesso em: 23 maio 2023.



Essa teologia que ocupa e arranca as roupas de baixo da tradição é a teologia a qual eu ocupo e que me ocupa – pelo menos provisoriamente.

2. “*Problematizar a relação entre saberes e territórios é, antes de tudo, por em questão a idéia eurocêntrica de conhecimento universal – reconhecendo novos lugares, marcas e grafias*”<sup>8</sup>. – **Existem novos lugares de enunciação? Quais suas marcas e grafias?**

Será que é possível falar em “novos lugares de enunciação” se há décadas estamos ocupando esse território? Talvez possamos falar em “novos lugares de escutação”, afinal, os processos táticos de ocupação dessa teologia-território têm aberto ouvidos para as vidas que caminham nas fronteiras. Althaus-Reid explica que histórias de dissidentes sexuais e de gênero, ainda que contadas, não são ouvidas. E afirma: “a marginalidade parece ser de alguma forma a primeira condição para saber se as histórias sexuais são ouvidas ou não. No topo da pirâmide de Rubin, podemos ouvir histórias sexuais contadas em alto e bom som, mas de alguma forma na parte inferior as histórias são gritadas. A diferença é que elas são ignoradas”<sup>9</sup>.

Althaus-Reid faz referência aqui à “pirâmide erótica” proposta por Gayle Rubin. Nessa pirâmide, “heterossexuais maritais e reprodutivos” estão no topo e abaixo estão “as castas sexuais mais desprezadas que, correntemente, incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo como as prostitutas e modelos pornográficos, e abaixo de todos, aqueles cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais”<sup>10</sup>. Para Althaus-Reid, as vozes que se colocam abaixo da pirâmide não são ouvidas e, por isso, não tomam parte das interações tradicionais hegemônicas. Ela explica que “uma vez que a história é ouvida, ela se torna parte de uma palavra social interativa, e negocia seu espaço de significado e significação dentro de uma rede de outras histórias não ouvidas, e a partir disso podem ocorrer ações de transformação e desafio ao *status quo*”<sup>11</sup>.

Pensando, então, em histórias oralizadas, mas não ouvidas, mais do que falar em “novos lugares de escutação”, seja possível falar em “novos lugares de sexo oral”. “Sexo oral” é um termo althaus-reidiano e implica em contar as histórias sexuais na teologia. Para ela,

uma história sexual é sempre historicamente sexual, porque histórias sexuais não são componentes de mundos abstratos, mas, estão enraizadas em comunidades políticas e obedecem a condições concretas de produção,

<sup>8</sup> PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. **GEOgraphia**, Niterói, ano 8, n. 16, p. 41-55, 2006. p. 42. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/13521/8721/52869>. Acesso em: 20 maio 2023.

<sup>9</sup> ALTHAUS-REID, Marcella. **Indecent Theology: Theological Perversions in Sex, Gender and Politics**. New York: Routledge, 2000. p. 136. (Tradução minha).

<sup>10</sup> RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade**. 2012. Disponível em: <https://tinyurl.com/3f82zuh8>. Acesso em: 26 maio 2023.

<sup>11</sup> ALTHAUS-REID, 2000, p. 135. (Tradução minha).

limitadas por raça, classe, idade, graus de discurso normativo sexual aceito ou de resistência.<sup>12</sup>

Oralizando minha história de dissidente sexual, tenho ocupado territórios teológicos com meu corpo e oferecido sexo oral aos radicais do “papai e mamãe”<sup>13</sup>. Nesse sexo-fala, minha grafia de vida se reconta por meio de novos letramentos, novas linguagens, que são, também, territórios em disputa.

### **3. Território é espaço apropriado, usado, espaço feito coisa própria<sup>14</sup>. – Existe uma territorialidade lésbica na teologia?**

Há uma territorialidade lésbica enquanto ocupamos provisoriamente a teologia. Mas, mais do que falar em uma territorialidade lésbica, me interessa pensar em uma “desterritorialização heterossexual”. Afirmo isso pois, apesar de ser possível afirmar que exista um campo teológico lésbico, percebo o interesse da teologia lésbica muito mais em romper com a teologia cisheteronormativa do que construir uma para chamar de sua. Não à toa, minha última publicação<sup>15</sup> tem como subtítulo “teologia lésbico-queer-feminista”, pois a lesbianidade não dá conta de descrever tudo o que sou enquanto corpo-território.

Essa forma de hifenizar a minha produção (lésbico-queer-feminista), me faz lembrar de Gloria Anzaldúa, que se apresentava como uma “escritora-teórica chicana, tejana, de classe operária, poeta dyke-feminista”<sup>16</sup>. Essa maneira de hifenizar sua existência não era uma forma de rotular a sua identidade, afinal como ela mesma afirma: “só seus rótulos me estilham”<sup>17</sup>, mas sim de complexificar sua vida e seus papéis sociais. Nesse sentido, falar em uma territorialidade lésbica é um risco de impor a força da identidade em detrimento da potência da diversidade.

### **4. Conceitos como “território” e “territorialidade” são úteis porque podem ser relacionados com “identidade”<sup>18</sup>. – Como e quem estabelece as fronteiras e a pertença na teologia? Como a teologia queer lida com fronteiras?**

<sup>12</sup> ALTHAUS-REID, 2000, p. 134. (Tradução minha).

<sup>13</sup> A expressão “papai e mamãe” diz respeito à uma posição sexual considerada como sendo mais tradicional.

<sup>14</sup> PORTO-GONÇALVES, 2006.

<sup>15</sup> ESTER, 2023.

<sup>16</sup> ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios**. Tradução: Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021. p. 129.

<sup>17</sup> ANZALDÚA, 2021, p. 78.

<sup>18</sup> HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997. p. 38. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15086/Des-territorializacao-e-identidade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 08 abr. 2023.



Essa pergunta mexe demais comigo. Vivi nos últimos três anos nos Estados Unidos e confesso que pela primeira vez me entendi latina. Uma imigrante. O processo de imigração colocou diante de mim muros de separação entre territórios que eu compreendia como lar. As fronteiras ficaram fronteiriças demais. Acredito que essa experiência pessoal tenha me ajudado a compreender melhor a teologia queer.

Quem sobe os muros, quem coloca as cercas, quem estabelece fronteiras são os conquistadores. A essa teologia entre-muros, eu poderia dar o nome de “T-Teologia”. O termo é de Althaus-Reid, e, segundo ela:

[...] nos referiremos às vezes à T-Teologia dando o sentido de teologia como ideologia, isto é, uma construção totalitária que é considerada ‘a Primeira e Única Teologia’ a qual não admite discussão ou questionamentos a partir de outras perspectivas, principalmente na área da identidade sexual e seu relacionamento próximo com questões políticas e raciais.<sup>19</sup>

Esse “T” grafado em maiúsculo fala sobre uma teologia colonizadora, imperialista, que conquista territórios e os fronteiriza. Poderia dizer, no contexto da pergunta, que o “T” é de territorial. Uma T-Teologia é a que se considera poderosa a ponto de afirmar-se única e verdadeira. Ledo engano. A teologia queer – assim grafada em letra minúscula – é aquela que circula entre as frestas dos muros, aumentando suas fissuras, desestabilizando suas estruturas.

Confesso que adjetivar uma teologia já pode ser uma forma de estabelecer seus limites e suas fronteiras. Seria a linguagem uma tecnologia de fronteirização? Não ingenuamente a língua de um povo é uma das primeiras coisas a serem conquistadas. Entretanto, mais do que restringir, o queer – por ser essa epistemologia de deslocamento, de desestabilização e de desestruturação – acaba por alargar as fronteiras. E não, essa não é a oração de Jabez<sup>20</sup>. Essa é a ação do queer enquanto uma categoria decolonial de desfixação das identidades. Identidades que abalam o fazer teológico tradicional por meio do “sexo oral”, que mencionei anteriormente.

O corpo-território da teologia não pode ser enclausurado por arames farpados. Por isso, ao pensar sobre como a teologia queer lida com as fronteiras, novamente me lembro de Anzaldúa, que, em sua teoria, repensou as fronteiras por meio das identidades que as habitam. Um conceito da teórica sobre essa pessoa que circula entre as fronteiras é o de “nova *mestiza*”<sup>21</sup>. Com esse conceito, Anzaldúa estava furando muros, inundando as margens e assumindo possibilidades de conexões com a vida em sua pluralidade.

<sup>19</sup> ALTHAUS-REID, 2019, p. 249. (Nota de rodapé).

<sup>20</sup> “Jabez invocou o Deus de Israel, dizendo: Oh! Tomara que me abençoes e me alargues as fronteiras, que seja comigo a tua mão e me preserves do mal, de modo que não me sobrevenha aflição! E Deus lhe concedeu o que lhe tinha pedido”. 1 Crônicas 4, 10.

<sup>21</sup> ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands: La Frontera – The New Mestiza**. São Francisco: Aunt Lute Books, 2012.



As novas *mestizas* têm uma conexão com lugares específicos, uma conexão com raças específicas, uma conexão com novas noções de etnicidade, com um aldeamento ao qual é negado qualquer tipo de ilusão romântica. A nova *mestiza* é um sujeito liminar que vive nas fronteiras entre as culturas, raças, linguagem e gêneros. Nesse estado de entre-lugar a *mestiza* pode mediar, traduzir, negociar e navegar por essas diferentes localidades. Como *mestizas*, nós estamos negociando esses mundos todo dia, entendendo que o multiculturalismo é uma forma de enxergar e interpretar o mundo, uma metodologia de resistência.<sup>22</sup>

A “nova *mestiza*” é uma proposta decolonial de não assimilação pelo sistema, afinal, como Anzaldúa mesma explica, “identidade é um comboio mutante de componentes e uma atividade de formatos diversos”<sup>23</sup>. Essa identidade fronteiriça proposta por Anzaldúa é uma contranarrativa às identidades fixas – e por que não dizer dos territórios fixos? É uma teoria que parte da vida e materializa novas formas de vida, criando possibilidades de resistência a partir das sufocantes fronteiras da opressão (inclusive as teológicas).

*5. A teologia lésbica surge de uma experiência de marginalização também na teologia gay e feminista? Seria por isso mais radicalmente desconstrutivas do que a teologia gay*<sup>24</sup>. – **Como é essa experiência de marginalização e o que é a radicalidade da teologia lésbica?**

Sempre achei importante ressaltar que a teologia gay é diferente da teologia lésbica. Distintos contextos de socialização produzem diferentes teologias. O que tem se convencido chamar de “teologia inclusiva” – uma produção teológica de dissidentes sexuais e de gênero que pretende “incluir” LGBTIA+ na experiência cristã – muitas vezes acaba sendo, ao invés de inclusiva, exclusiva. Exclusiva porque reproduz sexismos típicos da teologia tradicional e hegemônica.

Em uma “carta aberta às minhas irmãs”, publicada como ensaio<sup>25</sup>, eu parto da categoria de “excesso” para pensar como os desejos das mulheres têm sido percebidos como excessos que precisam ser regulados pela “economia da tradição cristã”. Por isso, é fundamental ressuscitar o excesso em nós. Aqui seria possível aproximar uma teologia lésbica da proposta teológica indecente de Althaus-Reid:

Teologias sexuais indecentes não precisam ter uma teleologia, ou um sistema, mas podem ser eficazes desde que representem a ressurreição do excessivo em nossos contextos e uma paixão por organizar as violentas transgressões do pensamento teológico e político. O excesso de nossas vidas famintas: nossa fome de comida, fome de tocar outros corpos, de amor e de Deus; uma multidão

<sup>22</sup> ANZALDÚA, 2021, p. 194-195.

<sup>23</sup> ANZALDÚA, 2021, p. 199.

<sup>24</sup> STUART, Elizabeth. Christianity is a queer thing: The development of queer theology. **The Way**, Oxford, v. 39, n. 4, p. 371-381, Oct. 1999. Disponível em: <https://www.theway.org.uk/back/39Stuart.pdf>. Acesso em: 22 maio 2023.

<sup>25</sup> ESTER, Ana. Dezmandamentos: “não cobiçarás”. **Revista Senso**, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/coluna/dezmandamentos-nao-cobicar-as/>. Acesso em: 25 maio 2023.



de fomes nunca satisfeitas que crescem e se expandem e nos colocam em situações de risco e desafio, como um carnaval dos pobres, os livros didáticos dos normalizadores da vida.<sup>26</sup>

A radicalidade da teologia lésbica está em sua fome insaciável por romper com um modelo binário de organização social que separa homens e mulheres em um binário hierárquico de opositores. Afinal de contas, a própria categoria de lésbica desestrutura a fixidez da ideia essencialista e universal de mulher propondo uma relação de afeto entre mulheres que se dá por meio de um “*continuum* lésbico”. O conceito de *continuum* lésbico que apresento aqui é da feminista estadunidense Adrienne Rich. Segundo ela:

Entendo que o termo *continuum* lésbico possa incluir um conjunto – ao longo da vida de cada mulher e através da história – de experiências de identificação da mulher, não simplesmente o fato de que uma mulher tivesse alguma vez tido ou conscientemente tivesse desejado uma experiência sexual genital com outra mulher.<sup>27</sup>

O *continuum* lésbico fala das relações entre as mulheres, ainda que não sejam sexuais. Ele representa a força revolucionária das alianças entre as mulheres. E friso, de todas as mulheres! É urgente que desafie qualquer compreensão de um feminismo lésbico radical trans-excludente que não reconheça mulheres trans enquanto mulheres. O *continuum* lésbico deve ser compreendido como uma experiência pluriamorosa de encontros potentes entre mulheres, que se afirma radical em seu projeto de rompimento com a categoria binária de gênero.

6. *Você se referiu num artigo sobre “As Grandes Pau-tas consideradas Sérias e Urgentes” na relação com as p(a)utas menores que mantêm a “ordem decente do salão principal” da teologia. O resultado da manutenção da ordem decente inviabilizaria a transversalidade e a interseccionalidade*<sup>28</sup>. – **Quais os limites das Grandes Pau-tas no que você chama de transversalização e inter-sexy-onalidade?**

Os limites são as próprias Grandes Pau-tas. A existência de um campo teológico que se afirma único, verdadeiro e exclusivo é o grande limite a qualquer experiência plural e diversa que desafie o centro hegemônico da “T-Teologia”. A pau-ta é falocêntrica, centrada em experiências de exclusão e hierarquia de homens brancos, heterossexuais e cisgêneros.

<sup>26</sup> ALTHAUS-REID, Marcella. **La teologia indecente**: perversiones teológicas em sexo, gênero y política. Barcelona: Bellaterra, 2005. p. 281.

<sup>27</sup> RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas** – Estudos gays: gêneros e sexualidades, Natal, v. 4, n. 5, p. 17-44, 27 nov. 2012. p. 35-36. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 25 maio 2023.

<sup>28</sup> ESTER, Ana; MUSSKOPF, André. Teologia queer: O necessário indecentamento da teologia. **Revista Senso**, 15 jul. 2020. [n.p.]. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/zrs-edicao-17/teologia-queer-o-necessario-indecentamento-da-teologia/>. Acesso em: 20 maio 2023.



O limite das pau-tas está nas paredes dos quartos, que insistem em se materializar na separação entre o decente e o indecente. Para a trans-versalização e inter-sexy-onalidade é preciso um *Glory Hole*<sup>29</sup>. Um buraco na parede que sirva tanto para expiar quanto para enfiar algo que produza encontros interseccionais e transversais de debates tão urgentes em tempos de violências justificadas pela fé. Nesses gloriosos buracos de ruptura, enfiamos nossos desejos. Desejos que passam pela sacralidade dos corpos-territórios que se (re)constroem a partir de fissuras na Casa Grande da decência.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA governamental canadense indica 'buracos na parede' para prática de sexo seguro em meio à pandemia de coronavírus. **Vogue**, 23 jul. 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/yrsjtzv>. Acesso em: 25 maio 2023.

ALTHAUS-REID, Marcella. **Deus queer**. Rio de Janeiro: Metanoia; Novos Diálogos, 2019.

ALTHAUS-REID, Marcella. **Indecent Theology**: Theological Perversions in Sex, Gender and Politics. New York: Routledge, 2000.

ALTHAUS-REID, Marcella. **La teologia indecente**: perversiones teológicas em sexo, género y política. Barcelona: Bellaterra, 2005.

ALTHAUS-REID, Marcella. Marx en un bar gay. La Teología Indecente como una Reflexión sobre la Teología de la Liberación y la Sexualidad. **Numen**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1 e 2, p. 55-69, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21772>. Acesso em: 23 maio 2023.

ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios**. Tradução: Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands**: La Frontera – The New Mestiza. São Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

ESTER, ANA. Dezmandamentos: LGBTI+ e Bíblia. **Revista Senso**, 2021. Disponível em: [https://www.academia.edu/45189348/Dezmandamentos\\_LGBTI\\_e\\_B%C3%ADblia](https://www.academia.edu/45189348/Dezmandamentos_LGBTI_e_B%C3%ADblia). Acesso em: 28 maio 2023.

ESTER, Ana. Dezmandamentos: “não cobiçarás”. **Revista Senso**, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/coluna/dezmandamentos-nao-cobicaras/>. Acesso em: 25 maio 2023.

---

<sup>29</sup> *Glory Hole* (literalmente, buraco de glória) “é uma nomenclatura usada popularmente para descrever um buraco feito em uma parede fina, ou outro tipo de divisória, onde um homem pode inserir seu pênis para estimulação sexual por uma pessoa anônima do outro lado”. AGÊNCIA governamental canadense indica 'buracos na parede' para prática de sexo seguro em meio à pandemia de coronavírus. **Vogue**, 23 jul. 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/yrsjtzv>. Acesso em: 25 maio 2023.





ESTER, ANA. **Dezmandamentos**: Teologia lesbico-queer-feminista. Rio de Janeiro: Metanoia, 2023.

ESTER, Ana; MUSSKOPF, André. Teologia queer: O necessário indecentamento da teologia. **Revista Senso**, 15 jul. 2020. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/zrs-edicao-17/teologia-queer-o-necessario-indecentamento-da-teologia/>. Acesso em: 20 maio 2023.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**: a rede gaúcha no Nordeste. Niterói: EDUFF, 1997. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15086/Des-territorializacao-e-identidade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 08 abr. 2023.

KRENAK, Ailton. “Siempre estuvimos en guerra”. Entrevista concedida a Ana Paula Orlandi. **Humboldt** – Revista de cultura digital del Goethe-Institut en Sudamérica, mar. 2020. [n.p.]. Disponível em: <https://www.goethe.de/prj/hum/es/dos/zug/21806968.html>. Acesso em: 11 abr. 2023.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. **GEOgraphia**, Niterói, ano 8, n. 16, p. 41-55, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/13521/8721/52869>. Acesso em: 20 maio 2023.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas** – Estudos gays: gêneros e sexualidades, Natal, v. 4, n. 5, p. 17-44, 27 nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 25 maio 2023.

RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo**: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. 2012. Disponível em: <https://tinyurl.com/3f82zuh8>. Acesso em: 26 maio 2023.

STUART, Elizabeth. Christianity is a queer thing: The development of queer theology. **The Way**, Oxford, v. 39, n. 4, p. 371-381, Oct. 1999. Disponível em: <https://www.theway.org.uk/back/39Stuart.pdf>. Acesso em: 22 maio 2023.

**Recebido em:** 30 maio 2023.

**Aceito em:** 30 maio 2023.